

## A formiga e o trator

**Categories :** [Carlos Eduardo Young](#)

Você conhece a *Simopelta mínima*? Nós também não. E pior: nem teremos a chance de conhecer. Ela era uma formiguinha da região de Ilhéus, no sul da Bahia, que foi coletada em duas oportunidades e numa única localidade há 15 anos. O que aconteceu? Não é novidade. Essa área natural foi destruída ou, se você preferir, “limpa”, no eufemismo do agrobusiness. Este relato está no excelente trabalho [União pela Fauna da Mata Atlântica](#) explicando que “apesar da constante coleta de amostras na região na última década, a espécie nunca mais foi encontrada”. Extinta, sumiu, escafedeu-se, ou seja, nós nunca mais saberemos a história que a *Simopelta mínima* tinha para nos contar.

O drama da extinção dessa formiga seguramente não é único. Os invertebrados recebem menos atenção da opinião pública e até mesmo do meio acadêmico, mas representam mais de 95% de todas as espécies animais – enquanto o número conhecido de espécies de mamíferos e pássaros está em torno de 5 mil e 10 mil, respectivamente, o de insetos está em torno de um milhão. E o número preciso ainda permanece uma incógnita. Por exemplo, somente agora começaram a ser descobertas espécies de insetos que vivem no dossel das árvores, que possuem microclimas totalmente diferentes das camadas inferiores e, por isso, induz a uma adaptação diferenciada. Isso significa também que não é contado o número de espécies que já desapareceram por causa da perda de *habitats*. Por acaso do destino, alguém fez a coleta e descobriu a *Simopelta mínima*. Quantas outras espécies não tiveram o consolo de, ao menos, ter seu desaparecimento registrado?

Não pense que isso é um problema restrito aos meios científicos – insetos como as formigas podem trazer inúmeras contribuições para o nosso cotidiano. Por viverem em comunidades muito densas, por exemplo, as formigas acabam produzindo naturalmente substâncias antibióticas que protegem seus ninhos, e que podem ser bastante úteis no desenvolvimento de fármacos. Não sabemos se nossa amiga *Simopelta mínima* produzia alguma substância para sua defesa, mas sabemos que animais peçonhentos, por exemplo, são altamente importantes para a pesquisa médica. O mesmo manual da *União pela Fauna da Mata Atlântica* também explica que o tráfico de animais para pesquisas (ilegais) de substâncias de valor para as indústrias química e farmacêutica está aumentando consideravelmente.

Por enquanto, o destaque ainda permanece com os vertebrados: “Só o mercado mundial de anti-hipertensivos movimenta cerca de 500 milhões de dólares por ano. O princípio ativo desses medicamentos é extraído de serpentes brasileiras, como a jararaca (*Bothrops jararaca*), que tem o grama de seu veneno cotado a U\$ 433”. Mas com o avanço científico, não há dúvida que descobertas semelhantes também sairão dessas pequeninas criaturas que desde criança aprendemos a encarar como “animais nocivos ao homem”, e estamos destruindo um precioso estoque potencial de bem-estar para as próprias sociedades humanas sem mesmo saber que eles

existem...

No mesmo dia em que ficamos sabendo do infortúnio de nossa formiguinha, estava no jornal que o Presidente da República cedeu ao “tratoração” do lobby ruralista – uma manifestação organizada pelas associações patronais da agricultura que ameaçou invadir o Palácio do Planalto com tratores - e estabeleceu uma série de concessões ao setor rural. O que isso tem a ver com o desaparecimento de espécies como a *Simopelta*? Por incrível que pareça, tudo!

O “tratoração” conseguiu, entre outras coisas, 3 bilhões de reais para renegociar as dívidas dos agricultores. Entre os argumentos utilizados está a queda de preços dos produtos agrícolas. Mas isso acaba realimentando a política autofágica de expansão ilimitada da oferta: o governo incentiva o aumento da produção por uma série de políticas, inclusive as recentemente propostas, e pela velha lei da oferta e da procura, o preço acaba caindo. Os lucros, antes elevados, diminuem até chegar no vermelho. Aí funciona uma outra velha lei, mais específica do capitalismo brasileiro: o lucro é privado, mas o prejuízo é coletivo.

É importante lembrar que não somos contra a agricultura e os agricultores – acreditamos firmemente na importância econômica e social desse setor. Não é errado o governo incentivar a atividade produtiva – muito mais saudável do que manter o parasitismo dos que vivem das “tetas gordas” dos juros da dívida pública (a consequência ambientalmente perversa das altas taxas de juros é assunto para outra coluna). O problema é o modelo adotado para incentivar o setor: ao invés de trabalhar para aumentar a quantidade de grãos via expansão da fronteira, que acaba sempre resultando na queda de preços, seria mais inteligente incentivar a produção diferenciada, onde se pode agregar mais valor aos produtos. É o caso dos produtos orgânicos, que além de gerarem mais valor por unidade, empregam mais gente no processo produtivo.

O mesmo raciocínio serve para a discussão dos organismos geneticamente modificados (OGMs). Como o exemplo da soja: ao invés da estratégia de baratear os custos de produção pela adoção de sementes geneticamente modificadas e, assim, vender a soja ao preço mais baixo possível, podemos conquistar os mercados emergentes dos consumidores exigentes que, provavelmente, estarão dispostos a pagar mais por um produto natural, livre de manipulações em seu DNA. O consumidor europeu ainda vive o trauma da síndrome da vaca louca: até 1995, o Governo Britânico jurava de pé junto que não havia evidência científica que a doença poderia ser transmitida aos seres humanos.

Um argumento semelhante dos pró-OGM: [não há problema em consumi-los, enquanto não se descobrir se fazem mal ou não](#). Teve até um Ministro da Agricultura na TV, na época, dando um hambúrguer para sua filhinha para mostrar que não havia nada de errado (bom, é melhor não dar idéias assim pro Ministério brasileiro...). Até que um belo dia a suspeita se transformou em proibição de importação de carne bovina britânica, e a pecuária de Sua Majestade foi parar no brejo.

Vale lembrar o que disse Paulo Choji Kitamura, Chefe-Geral da Embrapa Meio Ambiente, durante o VIII Congresso Brasileiro de Defesa do Meio Ambiente no mês de junho: “A produção agrícola brasileira pode continuar aumentando sem derrubarmos uma única árvore a mais”. Ele estava ressaltando, além dos ganhos de produtividade, a enorme quantidade de terras que já foram desmatadas e que são mal empregadas ou simplesmente abandonadas. Mas no mundo das decisões políticas, que contraste... O Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), maior levantamento de informações sobre a agricultura no Brasil, corre o sério risco de não ser mais realizado por falta de verbas (em economês, contingenciado para aumentar o superávit primário). [Quer dizer, para fazer o principal estudo sobre o que está acontecendo no campo brasileiro – inclusive identificando as áreas ociosas ou mal aproveitadas - não tem dinheiro, mas para outras coisas...](#)

E as formigas? A maioria das espécies desaparece anonimamente quando seus habitats naturais são destruídos. No Brasil do século 21, isso ainda é chamado pelo eufemismo de “alargamento da fronteira de produção”. Mas todo mundo conhece mesmo pelo seu nome popular: desmatamento. [Provavelmente a \*Simopelta mínima\* desapareceu do sul da Bahia quando a crise do setor cacauero levou ao desaparecimento do sistema agroflorestal da cabruca](#), no qual o cacau era plantado sem a remoção da Mata Atlântica. Essas áreas passaram a ser convertidas para pecuária ou cultivo, e por isso essa região acabou sofrendo taxas altíssimas de desmatamento. Sem dúvida nenhuma, eis o principal suspeito para o desaparecimento de nossa formiga.

Se La Fontaine tivesse baseado sua fábula na *Simopelta mínima*, escreveria “era uma vez uma formiga...”, e teria parado por aí mesmo.